



Os brasileiros não somos pasolinianos

Gilberto Felisberto Vasconcellos¹

Resumo

Nesse texto busca-se uma reflexão acerca da cultura televisiva nacional valendo-se da abordagem marxista semiótica de Pier Paolo Pasolini, com o intuito de compreender o capitalismo videofinanceiro e religioso. A análise centra-se nas telenovelas da Globo e da Record e sua relação entre religião e política.

Palavras chave: Cultura; Televisão; Religião.

Los brasileños no somos pasolinianos

Resumen

En ese texto tratamos de buscar una reflexión acerca de la cultura televisiva nacional valiéndonos del abordaje marxista semiótico de Pier Paolo Pasolini, con el intuito de comprender el capitalismo videofinancero y religioso. El análisis está centrado en las telenovelas de la Globo e de la Record y su relación entre religión y política.

Palabras-clave: Cultura; Televisión; Religión.

We Brazilians are not Pasolinians

Summary

This text seeks a reflection on the national television culture using the Marxist semiotic approach of Pier Paolo Pasolini, with the aim of understanding video-finance and religious capitalism. The analysis focuses on the telenovelas of Globo and Record and their relationship between religion and politics.

Key words: Culture; Television; Religion.

Fazer exegese dos textos de Pier Paolo Pasolini não é o meu lance, e sim valer-me de sua abordagem marxista da semiótica para compreender o capitalismo videofinanceiro. Intriga-me saber se há alguma particularidade na América Latina, de vez que salta aos olhos o aberrante caráter ágrafo da maioria da população.

O poeta destoa da geral ao preferir a palavra “progresso” a desenvolvimento. Esta é

¹ Professor da Universidade Federal de Juiz de Fora, escritor e ensaísta. Contato: gilbertovasconcellos@yahoo.com.br

uma noção burguesa e enganadora, pois o que vinga é desenvolvimento sem progresso. Desenvolvimento baseado na produção de bens superficiais, e não de bens necessários. O capitalismo consumista, segundo ele, configurou-se depois da Segunda Guerra.

“Se i beni necessari rendono necessaria la vita, il bene superflui la rendono superflua”. Esse belo aforismo pasoliniano remete ao que ele entende por neocapitalismo, que é semelhante ao que foi denominado por Paul Sweezy e Paul Baran: o capitalismo monopolista. A diferença pasoliniana é a incidência na questão religiosa. Observa ele com argúcia que o barulho, o incessante barulho, é indissociável da televisão em alto volume que sai pelas janelas das casas italianas. A televisão reveste-se de um caráter irreligioso, laico e consumista, mas tenho cá minha dúvida se a religião é um aparelho de natureza irreligiosa. Penso isso a respeito da expansão da televisão no Brasil que não subtrai de forma alguma a influência religiosa. A TV Globo é tão religiosa quanto a TV do bispo Macedo, e isso não interfere em nada o caráter pornô da telenovela: a telenovela pode ser pornográfica e religiosa.

Inútil buscar a diferença pelo fato de a TV Record fabricar telenovela com narrativa bíblica e a TV Globo produzir telenovela com enredo de traficante no Rio de Janeiro. Descabido não seria afirmar que a TV Globo é católica e pedófila. É curiosa a Guerra Fria midiática: na Igreja evangélica os pastores doutrinam contra a TV Globo, dizendo que por aí reina o Diabo, enquanto que na TV Record a bíblia é ensinada aos telespectadores boçais. Os pastores proíbem os seus devotos: “você não podem ver telenovela da Rede Globo”. Mas curiosamente o futebol não é proibido, assim como não o é o programa de auditório. Enfim, não fica muito claro o que há de tão nocivo na telenovela para ser proibida pelos pastores. Qual a diferença semântica entre uma telenovela e o programa de auditório? A telenovela da Globo não é religiosa? O programa de auditório é laico?

Lembro a lucidez e coragem de Pasolini de querer para a Itália um país sem televisão, entre outros motivos porque a televisão acabou com as nuances linguísticas dos dialetos regionais. Chega a dizer que o pênis do subproletariado encolhe-se de geração em geração por conta do capitalismo consumista, que solapou com o sentimento de piedade. Adeus pietà, benevolência, clemência, indulgência. A cultura da piedade religiosa foi substituída pelo consumismo egóico mercantil. O consumismo para Pasolini não era apenas comprar bens, mas era por exemplo a compulsão de o macho moderno querer trepar o tempo todo de que resulta o coito vicário, identificado como mercadoria capitalista. Atenção, Pasolini era contra a televisão por esta ser irreligiosa, todavia isso não quer dizer que ele fosse entusiasta do vaticano; ao contrário, o seu filme *Ricota* foi condenado pela Igreja. É um filme sobre a paixão de cristo. Ao lado do cristo crucificado há um subproletário que se empanturra de

queijo até morrer na cruz.

Em vários de seus textos observa-se a distinção entre religião e igreja. A religião está conectada aos oprimidos, é a linguagem dos oprimidos, ainda que não façam nada para acabar com a opressão. A religião é um fenômeno camponês do Terceiro Mundo. O bom mesmo seria o povo não ler jornal nem ver televisão. Capitalista religioso não existe. O burguês carece de espírito religioso. A ascensão evangélica não é um fenômeno religioso. O evangelismo é espiritualidade zero.

É curioso que o discurso evangélico tenha começado na cidade, não tem nada de campônio. Por que as pessoas estão cada vez mais sentindo necessidade de um evangelismo que seja gregário. Será que o pragmatismo o distingue da igreja católica? Desconfio muito o que seja uma pessoa laica no Brasil, a esquerda aqui (inclusive os poucos comunistas) é católica. A TV não é laica. Será que a religião é o contrário do capitalismo cruel, cínico e materialístico? Segundo Pasolini (e não só na Itália), o laicismo é a religião do liberalismo.

“Sou um marxista que escolhe assuntos religiosos”, dizia Pasolini, para quem Gramsci era religioso e comunista. Perguntou: “pode um burguês ser religioso?”

“I poveri sono realI ricchi irreali” Pasolini era fascinado pelo rosto do sottoproletariado. Ironizou, sem que tivesse conhecimento do *currículo Lattes*, que até o protesto de esquerda é vazado em linguagem de formulário.

Concordar ou não com Pasolini agora importa quase nada diante do reconhecimento de sua falta de medo, sua coragem, sua liberdade de falar as coisas. “Só a verdadeira democracia pode destruir a falsa democracia”. O Messias é o sub-gerente de multinacionais ou palhaço de programa de auditório. Pasolini atacou São Paulo por ter fundado uma igreja, não uma religião; ele fundou uma instituição, não uma mística. Haverá diferença entre misticismo e clericalismo. O lado reacionário de São Paulo provém da organização clerical, não há nada pior no mundo do que um fundador de igreja. A Igreja não tem nada a ver com a experiência mística. São Paulo era um esquizofrênico, um neurótico submetido a uma terrível dualidade: santo e padre, gênio e corrupto. O poder burguês não precisa mais da igreja, e esta não se opõe ao poder. Um burguês não pode ser religioso? A religião está ao lado do oprimido. Para Pasolini, o oposto da religião não é o comunismo, e sim o capitalismo.

Estranha muitas vezes o fato de um autor marxista considerar revolucionária a tradição. Ocorre-me às vezes pensar que ele juntou o folclore com o marxismo. Para Luís da Câmara Cascudo, *tradire* é o que é transmitido oralmente. Disparate seria considerar Pasolini o Cascudo do cinema? Foi ignorado e negligenciado no Brasil desde 1954. Conheci apenas dois artistas que se ligaram nele, Glauber Rocha e Roberto Piva, e também o meu amigo

professor Michel Lahud. A vanguarda concretista não teve contato com a poesia de Pasolini, e este filmou e escreveu sobre Pound, foi amigo de Roland Barthes desde 1964, assim como passou um esfregão na semiótica de Umberto Eco em seu livro *Empirismo Herético*, publicado em 1972. Pasolini escreveu *La Divina Mimesis* que reelaborou para os tempos atuais a *Divina Comédia* de Dante. Tradutor de Virgílio e Ésquilo, teórico da tradução como Haroldo de Campos. A ideia de Terceiro Mundo, tão curtida por Glauber Rocha, apareceu para Pasolini em 1959, antes de fazer cinema. Escancarou sua homossexualidade em 1943, dois anos antes de entrar no Partido Comunista italiano, do qual foi expulso em 1949. No início da década de 40 leu ao mesmo tempo Rimbaud, Marx e Gramsci. Aí sobreveio seu tesão pelo subproletariado. Em 1961, conhecendo a Índia, veio-lhe a palavra de ordem: resistir ao neocapitalismo monopolista televisivo. Neste ano Glauber Rocha estava na Bahia filmando *Barravento*. Pasolini colaborava em *Notti di Cabiria* de Fellini. Ele dizia que o amor pela tradição busca o antigo ao tematizar o presente.

Poeta, cineasta, crítico, marxista revolucionário, anti-capitalista e anti-clerical. Não se entregou para o poder e o dinheiro. Seu maior infortúnio foi ter sido assassinado por um pivete, um michê. Ai a direita reacionária e a esquerda moralista aproveitaram para condenar sua vida e sua obra. Onde já se viu um coroa marxista caçando moleque de periferia. E se por acaso ele tivesse morrido de pijama em casa, mudaria o significado de sua obra? O sexo passa a ser critério absoluto nesse fetichismo da sexualidade. Esquecem que há homossexuais a favor da burguesia. Pasolini estudou a homossexualidade na história como ninguém, sabedor que por mais perseguido que tivesse sido como homossexual, a questão política, a luta de classes é decisiva. Comunista, intentava fazer um filme sobre Trotsky. Foi expulso do PCI de Togliatti em 1949 com 27 anos. Já havia lido Karl Marx.

Foi um desastre a expulsão de Pasolini do PCI, cuja importância linguística e conceitual é maior que a de Antônio Gramsci. Hoje estou convencido que a Itália está condenada à boçalidade cultural e política se não pasolinizar-se, entre outras coisas para eliminar o exu-Berlusconi do capital monopolista. Ao contrario dos formulários acadêmicos, a leitura de Pasolini feita por Roberto Piva foi mais vital por causa do influxo de Allan Ginsberg do que a de Oto Maria Carpeaux.

Glauber Rocha queria ser mais tematizado por Pasolini, que foi o alterego dele desde *Barravento* (1961). Deu-lhe o conceito de Kinema e de Terceiro Mundo, mostrou como um marxista pode abordar assuntos religiosos além do chavão. Glauber não reagiu numa boa à crítica de Pasolini ao *Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro* que trazia a influência do gauchismo francês, exibindo-se com agressões ao código do cinema, comprazendo-se com

um “cinema impopular” como Godard e Straub. Em Roma Pasolini viu *Deus e o Diabo na Terra do Sol* em uma sessão privada, não o comentou com Glauber Rocha que estava esperando junto com seu amigo Gianni Amico acabar o filme perto do cinema.

A morte de Pasolini despertou-lhe sentimentos ruins, escreveu coisas sobre ele aquém de sua notável capacidade crítica, sobretudo como excelente crítico de cinema que foi. Algo turvou a percepção de Glauber sobre Pasolini, que foi o cineasta a quem ele mais tinha admiração política e estilística, o intelectual subversivo da Europa, enquanto por aqui chegava o pacote boi com abóbora com Norberto Bobbio e Umberto Eco.

Acredito que haja na personalidade dos intelectuais brasileiros aversão neurótica a Pasolini por este desqualificar o conceito de modernidade. Segundo ele, o campônio do Terceiro Mundo estava na Grécia arcaica. A industrialização neocapitalista banalizou o corpo da juventude, tornando-o padronizado e conformista. Pasolini é o antípoda do ‘chega de saudade’ da Bossa Nova, mas tradição curtida por ele não é o nostalgismo do cretino, e sim a presença do antigo ou do milênio no contemporâneo. Vejo-o parecido com Luís da Câmara Cascudo: a tradição é a ciência do povo, aliás talvez seja o único cineasta que tenha a rigor juntado o marxismo com o folclore.

Em seu roteiro que não foi filmado para felicidade do Vaticano, São Paulo é baleado em uma varanda de Hotel em Greenwich Village nos anos 60. A televisão ensejou um tipo de fascismo pior que Hitler e Mussolini. Seu projeto político era eliminar a televisão. Marxista dotado de percepção mística. O objetivo da igreja é se organizar para obter lucro. A expansão evangélica dispensa o ritual e aumenta a pobreza léxica com a eloquência do barulho. Não que o domínio clérico-católico fosse expressão de fartura, mas sem dúvida a erosão social (o baixo nível mental a que foi reduzido o homem do povo) explica a sedução evangélica.

O São Paulo institucional e organizador da Igreja Católica é repudiado por Pasolini. Todo fundador de igreja, seja qual for, revive o São Paulo gestor e empreendedor. O São Paulo Dória, digamos assim. Quanto mais a miséria, mais igrejas. A expansão evangélica corresponde ao caráter rentista e especulativo do capitalismo monopolista. A analogia entre cristo e moeda no catolicismo (a hierarquia fundada em Deus, Cristo, santo, sacerdote) é rompida pelo primado monetário. Pragmático instrumentalizante, Cristo (mais este que Deus) converte-se em puro valor de troca, ou seja, a fé é dinheiro. O corpo do pastor de igreja traz a presença física mercantil. Por isso um pastor pobre contradiz a benfeitoria. É que o crente tem de pagar pelo dízimo a fé. Resulta daí em sua personalidade (a crença no dinheiro), o amálgama de masoquismo com crueldade.

A igreja é o fetichismo do dinheiro, e não o templo das sutilezas teológicas. O pastor

de igreja amplia o poder da televisão, que dá acesso à coisa divina. Nisso consiste a ideologia evangélica de auditório do capitalismo videofinanceiro. O evangelismo é contra a caridade e a favor da fé e da esperança. A caridade é substituída pelo crédito. Eis o trinômio: crédito, fé e esperança. Para contrapor-se a isso somente com outra religião, com outra televisão, o poder católico da TV Globo. Trata-se de uma mensagem hedonística-consumista. Essa televisão não responde ao pauperismo material e a decadência mental da população. O hedonismo consumístico do liberalismo pornô tem sido signo da telenovela da Globo, mas esse sistema de signo está cada vez menos atraindo o público. No Rio de Janeiro a campanha de Crivella foi baseada em uma mentira deslavada: “cuidar das pessoas”. É que esse lema contradiz a essência do evangelismo posto em execução pelo seu titio Edir Macedo: o crente abomina a caridade, o crente não se interessa pelo outro, o outro é o inferno, a não ser que contribua com o dízimo. Não se trata de filantropia que é o dispositivo demagógico dos milionários com suas fundações tipo Rockefeller. Refiro-me à caridade no sentido da benevolência em relação ao outro.

O que o crente preza é a fé, a fideducía, o crédito, a quem ou de quem se fia. O crédito origina-se da palavra crer, acreditar na existência de alguma coisa. Vale citar Karl Marx: o crédito é uma invenção tipicamente capitalista. Julga-se o caráter da pessoa pelo crédito que ela tem na praça. A pessoa confiável é aquela que honra o seu compromisso, isto é, aquela que paga, que tem credibilidade e boa reputação. O instituto de crédito por excelência é o banco. Qual a diferença da igreja de Edir Macedo para o banco? O credo do crente é menos Deus que dinheiro. O interessante é que isso cada vez mais não é ocultado pelo pastor: o dinheiro é onipresente. O crente é um crédulo que tem fé a partir do dinheiro. O dinheiro é o fundamento da crença. Então, a caridade não é valorizada, diria até que são desprezados o sentimento de amor e a solidariedade para com os pobres. Isso é coisa do Satanás. A caridade está longe de ser uma virtude para os evangélicos. A disposição espontânea e desinteressada em ajudar o outro choca com o traço egóico da esperança de salvar-se pelo dinheiro. “I’m going to the sky alone”. O meu lance é ir sozinho para o céu. O esperançoso é sinônimo de fideducioso. Pasolini tinha razão ao advertir o Vaticano na década de 60 sobre as três virtudes teológicas: a melhor é a caridade, não é a fé nem a esperança.

Valho-me aqui de sua “*rabbia analitica*” que incidiu sobre o fascismo, considerado uma ameaça permanente na sociedade capitalista. O fascismo foi um episódio de opressão dos ricos sobre os pobres, dos patrões sobre os trabalhadores. Em seu livro *Il Film Delghi altri* a classe dominante considera o fascismo uma reserva mental “que deve ser transmitida a seus filhos”. Estes devem herdar dos pais a propensão burguesa para o fascismo. Pasolini escreveu

amiúde “clérico-fascista” em sua interpretação que não separa a religião da política. No livro sobre São Paulo há a seguinte disjuntiva: ou se é santo, ou corrupto - ou místico ou padre. Padre na acepção institucional, pragmático, empresário, empreendedor, gerente, gestor. Nas igrejas evangélicas não será diferente, ainda que haja bispos, e não padres. Como é visto o bispo pela massa crente? Por que quem dirige a legião de fieis não se identifica como padre? Padre reza a missa, bispo dirige o culto? É mais fácil entender o culto que a missa? O dinheiro está mais explícito no culto que na missa?

Pasolini não gostaria de ser chamado de “cristiano arrabiato”. Em carta para o poeta bitiniqui Ginsberg informou: a burguesia americana é uma burguesia de loucos, a burguesia italiana é uma burguesia de idiotas. E a nossa? A burguesia brasileira é viralata e sem vergonha. Em 1966, entrevistado em Nova York, disse que Humberto Eco não tem nada ver com o intelectual norte americano, que é tímido e humilde quanto ao saber. Humberto Eco dava a impressão que era o pai do saber: “Conosce tutto lo scibile e te lo vomita in faccia con l'aria più indifferente: è come se tu ascoltassi un robot.”. O tema do fascismo é recorrente em todos os seus escritos.

O que é o subproletariado para Pasolini? Dizia que nenhum sujeito cômico é revolucionário, pois indica os males da sociedade sem apontar os remédios. Tinha por reivindicação constante o exame filológico do texto: “validade da linguagem”. O mítico é aquele que espera a graça. Aplica-se nele a formula “misticismo ateu”? Desde 1944 preocupado com o que se ensina às crianças nas escolas. Ama-se a mãe, admira-se o pai. O batismo é uma intimidação impiedosa. A criança aceita Deus, o inferno, o paraíso - essas duas fórmulas morais. A criança se situa entre o gratuito e a autoridade. O prelúdio do conformismo adulto. Em 1948 mencionou a doença psíquica do proletariado italiano: o complexo de inferioridade.